

INSISTIR EM FRESTAS NA PANDEMIA: ESPERANÇAR NA PRESENÇA ANTE O AFASTAMENTO

■ VITÓRIA DA SILVA BEMVENUTO

<https://orcid.org/0000-0002-1300-0806>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

■ ADRIANNE OGÊDA GUEDES

<https://orcid.org/0000-0001-5632-4539>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

Neste ensaio, nos propomos relacionar nossas ações como professoras-pesquisadoras do projeto HABITAR-SE e a experiência de viver a pandemia da covid-19. Diante das inquietudes dessa crise sanitária, política e social, e do afastamento físico, escolhemos insistir em frestas na pandemia: continuar esperando numa educação que se faz na relação consigo, com o outro e com o mundo, que se baseia nas sensibilidades como ferramentas ao diálogo, na troca afetiva, em detrimento de um adoecimento físico, mental e emocional. Dessa escolha, então, nasce o projeto de ensino-pesquisa-extensão HABITAR-SE. Nosso interesse aqui se debruça em refletir e narrar sobre como tal nascimento se deu, os acontecimentos que o antecederam e como seu impulsionamento está conectado às emergências que nos cercam. Nesse sentido, firmamos a relação entre vida e pesquisa, entendendo que as experiências vivenciadas por nós como pesquisadoras e pessoas no mundo não são dicotômicas. Além disso, percebemos que o exercício de apostar em práticas educativas ancoradas numa educação que visibiliza o corpo e os sentires nos mobiliza, aproxima e entusiasma a seguirmos ativas mesmo diante de forças paralisadoras. O HABITAR-SE, enquanto projeto que se iniciou na quarentena e está em andamento, é o que traz vida a este ensaio e vem se manifestando como um fortalecedor de vínculos e presenças, a partir de nossos corpos, nesse momento de afastamentos.

Palavras-chave: Educação. Sensibilidades. Habitar-se. Presença. Pandemia.

ABSTRACT **INSISTING ON THE FRACTURES OF THE PANDEMIC: HOPE IN THE PRESENCE OVER DISTANCE**

In this essay, we propose to relate our actions as teachers-researchers of the HABITAR-SE project and the experience of living the pandemic of COVID-19. Faced with the concerns of this health, political and social crisis, and the physical detachment, we have chosen to insist on the fractures of the pandemic: to continue hoping for an education that is done in the relationship with oneself, with others and with the world, that is based on sensibilities as tools for dialogue, on affective exchange, to the detriment of physical, mental and emotional illness. From this choice, then, is born the project of teaching-research-extension HABITAR-SE. Our interest here is focused on reflecting and narrating how this birth took place, the events that preceded it and how its impulse is connected to the emergencies that surround us. In this sense, we establish the relationship between life and research, understanding that the experiences lived by us as researchers and as people in the world are not dichotomous. Furthermore, we realize that the exercise of investing in educational practices anchored in an education that makes the body and feelings visible mobilizes us, brings us closer and encourages us to remain active even in the face of paralyzing forces. The HABITAR-SE, as a project that began in quarantine and is in progress, is what brings life to this essay and has been manifesting itself as a fortifier of bonds and presences, from our bodies, in this moment of estrangement.

Keywords: Education. Sensibilities. Habitar-se. Presence. Pandemic.

RESUMEN **INSISTIR EN FRACTURAS EN LA PANDEMIA: ESPERAZAR EN LA PRESENCIA DELANTE DE LA DISTANCIA**

En este ensayo, proponemos relacionar nuestras acciones como docentes-investigadores del proyecto HABITAR-SE y la experiencia de vivir la pandemia de COVID-19. Ante las preocupaciones de esta crisis sanitaria, política y social, y sobre todo ante el desprendimiento físico, hemos optado por insistir en las fracturas en la pandemia: continuar esperando en una educación que se haga en la relación con uno mismo, con los demás y con el mundo, que se base en las sensibilidades como herramientas de diálogo, en el intercambio afectivo, en detrimento de la enfermedad física, mental y emocional. De esta elección, entonces, nace el proyecto de enseñanza-investigación-extensión HABITAR-SE. Nuestro interés aquí se centra en reflexionar y narrar cómo ocurrió este nacimiento, los hechos que lo precedieron y cómo su impulso está conectado con las emergencias que nos

rodean. En este sentido, establecemos la relación entre vida e investigación, entendiendo que las experiencias vividas por nosotros como investigadores y personas en el mundo no son dicotómicas. Además, nos damos cuenta de que el ejercicio de invertir en prácticas educativas anclado en una educación que visibilice el cuerpo y los sentimientos moviliza, nos acerca y nos excita a permanecer activos incluso ante fuerzas paralizantes. Lo HABITAR-SE, como proyecto que comenzó en la cuarentena y está en marcha, es lo que da vida a este ensayo y se ha ido manifestando como un fortificante de lazos y presencias, desde nuestros cuerpos, en este momento de extrañeza. **Palabras-clave:** Educación. Sensibilidades. Habitar-se. Presencia. Pandemia.

A tua presença. Desintegra e atualiza
a minha presença (Veloso, 1992)

O terreno sinuoso e as inquietações: as emergências em ensaio

Insistir é não desistir, perseverar, pedir novamente algo a alguém, apesar de já ter recebido recusas ou, ainda, dar grande atenção a certo assunto com que se relaciona. Frestas são aberturas por onde passa luz, mais estreitas que janelas, para a iluminação do interior e pandemia é definida como uma doença infecciosa e contagiosa que se espalha rapidamente e acaba por atingir uma região inteira.¹

No encontro com os significados das palavras descritas acima, sentimos que insistir em frestas na pandemia se enuncia na prática de continuar, diariamente, esperando numa educação que se faz na relação consigo, com o outro e com mundo, que se baseia nas sensibilidades como ferramentas ao diálogo, na troca afetiva, em detrimento de um adoecimento físico, mental e emocional. Para isso, então, nos

¹ As palavras “insistir”, “frestas” e “pandemia” foram pesquisadas no *Dicionário On-line de Português* com o intuito que, a seguir, colaborassem para a conexão entre seus significados e os sentidos que apresentam para as autoras.

mantemos integrantes de um grupo de pesquisa que se volta a investigar o diálogo entre a educação e a arte, bem como propor ações extensivas relacionadas a esses campos.

Esperando aqui vem com toda ação, com que Paulo Freire incorpora no substantivo esperança, que, assim, vira verbo. Com ele, acreditamos que a esperança necessita ancorar-se na prática.

Sem um mínimo de esperança, não podemos sequer começar o embate, mas, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desdереça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Daí a precisão de uma educação na esperança. É que ela tem uma tal importância na nossa existência individual e social, que não devemos experimentá-la de forma errada, deixar que ela resvale para a desesperança e o desespero [...]. (FREIRE, 2018, p. 15).

Nesse momento em que tantas instabilidades – políticas, sanitárias e sociais – atravessam nossos corpos, percebemos que a esperança, enquanto ação mobilizadora e crítica, nos coloca de pé, nos mantém coletivas e moventes. Assim, inspiradas em Freire (2018) e sentindo em nós o que essa prática de esperar convoca, continuamos nossa ação de abrir frestas motivadas pela esperança.

Buscando tecer um caminho para esta escrita e já percebendo que ela nasce daquilo que sentimos como uma urgência neste momento, o ensaio se apresenta como o corpo que dará espaço para que nossas ideias se movam. Por doar à pesquisa uma “liberdade temática e formal” (LARROSA, 2003, p. 107), escolhemos estar aqui como ensaístas, apresentadas por Larrosa (2003), como pessoas que problematizam a escrita e a leitura cada vez que se relacionam com elas. Para ensaístas, “a leitura e a escrita são, entre outras coisas, lugares de experiência” (LARROSA, 2003, p. 108).

Em conversa com Adorno (2003), Larrosa (2003) comenta que o ensaio se ancora no tempo, e se apoia em seu caráter temporário e efêmero, sua própria finitude. Assim, o ensaio, acontece em um tempo e um contexto cultural, que, ao se expressar, possibilita uma relação. Dessa maneira, quem se dedica a ensaiar “seleciona um corpus, uma citação, um acontecimento, uma paisagem, uma sensação, algo que lhe parece expressivo e sintomático, e a isso dá uma grande expressividade” (LARROSA, 2003, p. 111).

O ensaio se afasta da linearidade e do retilíneo que, segundo Larrosa (2003), se aproxima do método. Para o autor, ao contrário do método e, para nós, semelhante ao que se dedica à educação estética e ao que este momento solicita – como será apresentado mais à frente –, o ensaio, enquanto caminho, é sinuoso, se adaptando às imperfeições do terreno.

O caminho linear, retilíneo é o caminho daquele que sabe previamente aonde vai, e traça, entre ele e seu objeto, a linha mais curta, mesmo que para realizá-la tenha que passar por cima de montanhas e rios. O método tem a forma de uma estrada ou via férrea que ignora a terra. Ao contrário, o ensaísta prefere o caminho sinuoso, o que se adapta aos acidentes do terreno. Às vezes, o ensaio é também uma figura de desvio, de rodeio, de divagação ou de extravagância. Por isso, seu traçado se adapta ao humor do caminhante, à sua curiosidade, ao seu deixar-

se levar pelo que lhe vem ao encontro. O ensaio é, também, sem dúvida, uma figura do caminho da exploração, do caminho que se abre ao tempo em que se caminha. (LARROSA, 2003, p. 112).

Nessas movimentações, escolhemos, por meio deste ensaio, nos relacionar com os conceitos à medida que os desdobramentos e as inquietações os trouxeram à tona. Adorno (2003) nos empodera da ideia de que o ensaio convida a uma interação recíproca de seus conceitos no processo da experiência e que nela “os conceitos não formam um continuum de operações, o pensamento não avança em um sentido único; em vez disso, os vários momentos se entrelaçam como num tapete” (ADORNO, 2003, 29-30) e ainda que,

todos os seus conceitos devem ser expostos de modo a carregar os outros, cada conceito deve ser articulado por suas configurações com os demais. No ensaio, elementos discretamente separados entre si são reunidos em um todo legível; ele não constrói nenhum andaime ou estrutura. Mas, enquanto configuração, os elementos se cristalizam por seu movimento (ADORNO, 2003, p. 31).

A não imobilização do ensaio se assemelha, aqui, com os movimentos que nos convidamos a fazer neste momento. O primeiro deles se apresenta quando percebemos que, há alguns meses, planejávamos ações que se estenderiam ao longo de seis meses, ações estas que foram atravessadas pelo isolamento social em razão da pandemia do coronavírus² que se difundiu no Brasil e no mundo. Desse passear pelo campo da crise sanitária que se apresenta – que nas terras brasileiras também é social e política –, vamos nos permitindo sentir as elevações e depressões do solo, abrindo espaço para experiência.

2 É uma família de vírus que causa infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31 de dezembro de 2019, após casos registrados na China. Tal vírus, pela sua fácil transmissibilidade e mutabilidade, foi capaz de provocar uma pandemia, que temos conhecido como covid-19.

Assim, da experimentação da pandemia enquanto uma força impulsionadora desta escrita, convocamos à reflexão sobre como nos fazer ativos, presencialmente juntos mesmo em distância, de que maneira tornamos possível a manutenção do vínculo entre nós – grupo de pesquisa e extensão ligado a uma universidade pública do Rio de Janeiro que atua em parceria, professoras e estudantes – e as vias que nos fazem mover: a educação, as sensibilidades e o vínculo relacional.

Enquanto pesquisadoras, habitamos um grupo que se interessa pela manutenção do tripé pesquisa-ensino-extensão da universidade³. Na sustentação do ensino e da pesquisa, dedicamos atenção a projetos voltados para a formação inicial de professores, com estudantes da graduação em Pedagogia. Já na extensão, elemento primordial na expansão do que é desenvolvido dentro das paredes das instituições acadêmicas públicas para a sociedade, nos empenhamos em propor projetos que envolvam a Educação Básica. Os projetos nascem com a vontade de colaborar com a formação de professores, atuando desde a formação inicial docente até sua inserção no campo de trabalho, e são fundados nos princípios da educação estética que convida à ideia de que, “educar primordialmente a sensibilidade constitui algo próximo a uma revolução nas atuais condições do ensino, mas é preciso tentar e forçar sua passagem através das brechas existentes, que são estreitas, mas podem permitir alargamentos” (DUARTE JR., 2000, p. 212).

No exercício de abrir brechas e alargar as que já existem, observamos algumas das ações vitais que estavam inseridas em nossos

cotidianos e outras que seriam promovidas por nosso grupo de pesquisa antes da pandemia. Teríamos, por exemplo, encontros semanais, físico-presenciais, teórico-práticos com os estudantes do curso de Pedagogia da universidade. Encontros esses que têm o sentido, assim como o de Manoel de Barros, de nutrir um conhecimento que não se estuda só em livros, mas tem em si a proposta de “pegar, de apalpar, de ouvir e de outros sentidos” (BARROS, 2015, p. 15).

Resgatando em nós o primeiro e último momento em que estivemos fisicamente presentes com essas/esses estudantes na disciplina “Corpo e Movimento” (em março de 2020), que integra os componentes curriculares obrigatórios do curso de Pedagogia em que atuamos, lembramos que iniciamos um vínculo⁴. Nos dois turnos em que trabalhamos, vespertino e noturno, começamos os encontros em roda e uma conversa foi contando como seriam nossas aulas. A dinâmica inicial foi logo chamada para roda e anunciamos – em coletivo – que em nossos encontros os corpos se movimentam.

Sustentando a premissa de que “educar não tem a ver apenas com mostrar ou ensinar enunciados, mas com fazer a experiência, a experiência política e poética [...]” (LÓPEZ, 2011, p. 68), chamamos a presença de um corpo vivo para a sala de aula: o convite disparador foi para percebermos como nos sentíamos naquele momento e depois andarmos e correremos. Aquecemos o primeiro encontro com uma história, numa proposta dramatizada, em que os personagens éramos nós mesmas(os). Nela, pegamos um ônibus cheio, fomos ao Saara⁵

3 De acordo com o artigo 207 da Constituição Federal de 1988, as universidades brasileiras devem obedecer ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, formando o tripé que baseia suas ações. Esses elementos fundamentais precisam funcionar de maneira equiparada, merecendo igualdade em tratamento.

4 O relato que se segue sobre o primeiro encontro com as turmas de “Corpo e Movimento” teve como base o registro de uma das autoras – enquanto estagiária docente – em seu diário de bordo que teria como objetivo guardar, com palavras, as experiências vividas durante as aulas.

5 Segundo o WikiRio, Saara é a sigla para Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, formada em 1962 pelos comerciantes da área. É um mer-

comprar fantasias de carnaval, sentimos fome após as compras e, depois, deitamos para descansar. Exploramos espaços no chão, nos cantinhos, brincamos com bola e nos auto-massageamos. Desse momento mais agitado, nos conectamos a respiração e ao movimento, para uma dinâmica menos acelerada e, então, começamos a nos apresentar para a turma por meio de gestos.

As apresentações foram seguindo até que chegamos na leitura do primeiro texto que iria compor o cronograma de aulas, mas, ao contrário do que normalmente acontece, não foram os estudantes que leram por si só o texto: a professora leu para a turma. Como uma contação de história, *O seu corpo, a casa onde você não mora*, de Therése Bertherat, foi nos conduzindo para as questões mobilizadoras daquele encontro: como nos relacionamos com nossos corpos? Nós nos habitamos? Àquela altura o espaço de troca estava garantido e, as(os) estudantes, enquanto protagonistas das aulas, foram sugerindo temas que se relacionavam com seus corpos, entre eles as questões de gênero, insatisfação com o corpo, vergonhas devido às deformidades físicas ou a disforias corporais. Em roda “nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe” (BARROS, 2015, p. 15) e falamos sobre corpo, invasões que sofremos e fazemos no corpo alheio e ações que podemos trazer para nosso cotidiano que nos aproxime de nós mesmas(os).

Ao final, nos abraçamos e, naquele até breve, percebemos que em “Corpo e Movimento”, existe um potencial de criação de um espaço seguro, afetivo, um ambiente para não se negar e sim afirmar, como canta Caetano, “a dor e a delícia de ser o que se é” (VELOSO, 2012). Ao experimentarmos esse único encontro, não

cado popular que compreende vários quarteirões no [centro](#) da cidade do Rio de Janeiro com lojas de roupas, brinquedos, acessórios para carnaval e artigos de festas a preços acessíveis.

sabíamos que, devido à pandemia, não nos encontraríamos mais presencialmente. Sem maneiras outras de encontros, talvez, estivéssemos esperando até hoje, como Manoel de Barros, para “fazer um cruzamento de árvores com passarinhos para obter gorjeios” (BARROS, 2015, p. 15) nas palavras.

Um outro convidado que nos bateria a porta, cotidianamente, seria o planejamento de ações futuras, o futurar-se: conjugação que nos é imposta no dia a dia da contemporaneidade rápida que nos faz ir dormir pensando em acordar.

Ressaltamos que a reflexão acerca do futurar não se faz diminuindo ou negando a necessidade de organização de estratégias de atuação, passo a passo e de maneira especial. Quem nos solicita rever a ato prolixo de futurarmo-nos é a pandemia do vírus covid-19. Tínhamos congressos agendados: foram adiados. Idas e vindas desenfreadas: silenciadas. Rotinas que envolviam estadia na rua substituídas pelo hábito de permanecer em casa o maior tempo possível – para aqueles que têm a possibilidade de estar em quarentena nesse momento, já que tantos outros não foram liberados⁶ de suas funções no trabalho ou precisam se colocar na rua para que nós possamos estar em casa.

Ao longo desses meses, estivemos cercados por decretos estaduais, municipais e federais que buscam controlar o fluxo de pessoas durante a quarentena. Mas há uma comunicação dificultosa entre líderes do poder executivo: regras de isolamento social são emitidas por governadores, mas os prefeitos não as reconhecem e o presidente da república prefere

6 As atividades de *delivery* começaram a ser a opção para que as pessoas, que pudessem, ficassem em casa em lugar de ir ao mercado, por exemplo, fazer as compras. Podemos destacar também a presença dos motoristas de transportes públicos, médicas e médicos, enfermeiros e enfermeiras e demais profissionais de saúde que trabalham ativamente para que as pessoas que precisam tenham atendimento e deslocamento.

dizer que a pandemia é uma gripezinha⁷. Um exemplo desse problema é a situação que o Rio de Janeiro presencia com a flexibilização das medidas de quarentena colocadas em prática por um plano da prefeitura, enquanto o governador mantém o decreto de não funcionamento de diversos estabelecimentos e locais públicos⁸.

Desde o dia 2 de julho de 2020, a medida foi colocada em ação pela Rio Prefeitura e dividida em seis fases, permitindo reaberturas, mesmo que a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) afirmem que, no Brasil, ainda não é propício retornos e que eles podem levar a uma nova onda de contágio. A Fiocruz divulgou na *Nota técnica sobre a importância das medidas de distanciamento social no contexto atual*, direcionada ao Ministério Público, que

[...] considerando que a transmissão do vírus ainda não está sob controle, qualquer diminuição ou flexibilização representará um aumento da transmissão e da demanda do sistema de saúde, que ainda não atende aos critérios e às condições para responder ao aumento de casos. A grande fila para acesso e atendimento hospitalar de todos os pacientes com COVID-19, bem como a mortalidade elevada como resultado da dificuldade no acesso aos cuidados de saúde necessários, são indicadores inequívocos das incapacidades atuais do sistema de saúde responder às necessidades atuais ou mesmo àquelas resultantes do aumento do número de casos. (FIOCRUZ, 2020, p. 13).

Assim, a Fiocruz finaliza a nota técnica ao Ministério Público reforçando que diante do cenário atual e tendo como base critérios pro-

postos pela OMS, “[...] a adoção rigorosa do conjunto de medidas de distanciamento social torna-se absolutamente necessária até que a situação da pandemia esteja sob controle no estado e municípios” (FIOCRUZ, 2020, p. 14).

Diante desse cenário, um microrganismo invisível a olho nu parece nos dizer: é tempo de viver um dia de cada vez, de analisar com cuidado e cautela cada ação – principalmente quando ela envolve diversas pessoas –, colocar a atenção em uma tarefa por vez. O coronavírus parece vir desligando, em camadas, o impulso do amanhã e expõe a necessidade do presente, da presença e de elementos mais ordinários à vida como o direito à alimentação, à higiene, ao saneamento básico, à moradia e, principalmente, à saúde – como prevê o artigo 196⁹ da Constituição Federal do Brasil.

Para Krenak (2020), o ritmo em que vivemos, agora, não é o mesmo de ontem, nem das estações passadas e quem dirá dos meses anteriores. Estamos agora em uma suspensão que nos insere um silêncio profundo e audível para que não saíamos dessa experiência da mesma maneira que entramos.

O mundo está agora numa suspensão. E não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. É como um anzol nos puxando para a consciência. Um tranco para olharmos para o que realmente importa. Tem muita gente que suspendeu projetos e atividades. As pessoas acham que basta mudar o calendário. Quem está apenas adiando compromissos, está vivendo no passado. O futuro é aqui e agora, pode não haver ano que vem. (KRENAK, 2020, p. 12).

Não basta só mudar o calendário porque as experiências que testemunhariam tais atividades previstas, agora adiadas, já não são

7 Em pronunciamento oficial no dia 24 de março de 2020, o presidente da República Jair Bolsonaro se referiu, publicamente, à doença como uma “gripezinha ou resfriadinho”.

8 Segundo a CCN Brasil, o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, declarou à imprensa que os decretos do município são os que tem legitimidade e que os do estado são apenas recomendações. Dessa maneira, diante da manutenção de medidas de isolamento deliberadas pelo governador Wilson Witzel, Crivella manteve a continuidade dos retornos em seis fases.

9 Segundo o artigo 196 da Constituição Federal de 1988, “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (BRASIL, 2017).

as mesmas. Junto com Heráclito, filósofo que viveu entre 500 a.C a 450 a.C, afirmamos que ninguém mergulha duas vezes no mesmo rio e, com sua licença, acrescentamos que ninguém também escova os dentes da mesma maneira que a anterior, porque no próximo segundo a água que passava naquele lugar do mergulho já é outra, a saliva que estava na nossa boca no momento da escovação de antes, já não é a mesma. Nós nos transformamos: fios de cabelo caem, células nascem e morrem, pensamentos se alteram, as necessidades mudam, o que era indispensável se torna dispensável e o que antes parecia trivial agora é essencial.

Este vírus que nos ameaça não é o mesmo na China, na Itália, nos Estados e no Brasil. Ele muda. E se muda, não sabemos o que é. Então seria muito bom parar de fazer projetos para amanhã, para o ano que vem e nos ater ao aqui e agora. Não tenho certeza nenhuma se no ano que vem tudo vai continuar a acontecer como se nada tivesse mudado. E tomara que não voltemos à normalidade, pois se voltarmos é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. (KRENAK, 2020)¹⁰.

Assim, nos colocamos diante dos afeta-mentos que essa pandemia nos causa, das reinvenções que nos solicita e das ferramentas que nos apresenta como recursos para abri- mos frestas que possibilitem que não saiamos as mesmas(os) dessa experiência. Não voltar à “normalidade”, mas nos voltarmos à humani- dade e às sensibilidades que dela são intrínse- cas. Nos aconchegamos em Latour (2020), por meio do qual percebemos nossas ações como gestos que podem barrar, não só o alastra- mento do coronavírus, mas também uma lógi- ca mecânica de estar no mundo afastadas de possibilidades afetivas, sensíveis e presentes de ser conosco, com o outro e com o mundo.

O que não significa decrescer ou viver de amor ou de brisa, mas aprender a selecionar cada

10 Entrevista concedida ao Jornal Estado de Minas no início da pandemia.

segmento deste sistema pretensamente irre- versível, a questionar cada uma das conexões suspostamente indispensáveis e a experimen- tar, pouco a pouco, o que é desejável e o que deixou de sê-lo. (LATOURE, 2020, p. 4 e 5).

Sobre aquilo que deixou de ser desejável, sentimos que essa crise sanitária, assim como qualquer outra crise, como ressalta Medina (2018), é um instante decisivo para sentirmos os elementos que perturbam nosso organismo, instituições, a nós mesmos e ao coletivo em que estamos inseridos. Nossas ações se tornam im- portantes nesse momento crucial em que um micro-organismo expõe as mais diversas dis- torções sociais e pessoais, desigualdades, de- samores, interesses e violências contra a vida que antes, se mantinham escondidos, velados ou mesmo naturalizados. Santos (2020) nos convida a refletir sobre o fato de que “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difí- cil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidado- res, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população” (SANTOS, 2020, p. 15) e nos sinaliza que existem “[...] grupos para os quais a quarentena é particularmente difícil. São os grupos que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela” (SANTOS, 2020, p. 15). Dentre eles, podemos destacar as mulhe- res, os trabalhadores precários, informais, os sem-abrigo ou população de rua e os morado- res das periferias pobres das cidades, favelas.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Es- tatística (IBGE) registrou que 12,4 milhões de brasileiros estavam desempregados, na quarta semana de junho. Segundo Maria Lúcia Vieira, coordenadora da Pesquisa Nacional por Amos- tra de Domicílios (PNAD) Covid-19¹¹, também

11 Segundo o IBGE (2020), a coleta da Pesquisa Nacio- nal por Amostra de Domicílios (PNAD) Covid-19 teve início em 4 de maio de 2020 e objetiva estimar o nú- mero de pessoas com sintomas referidos associados à síndrome gripal e monitorar os impactos da pande- mia da covid-19 no mercado de trabalho brasileiro.

está havendo queda na população empregada, aumento da desempregada, acarretando elevação da taxa de desocupação. Assim como o desemprego, também aumentou durante a pandemia os casos de feminicídio nos estados brasileiros. Segundo a Agência Brasil, o relatório *Violência doméstica durante a pandemia de covid-19*, subiu de 117 para 143 o número de feminicídio, entre os meses de março e abril. Os estados com maiores elevações são o Acre (mais de 300% de aumento), Maranhão (166,7%) e Mato Grosso (150%).

Os fatores que explicam essa situação são a convivência mais próxima dos agressores, que, no novo contexto, podem mais facilmente impedi-las de se dirigir a uma delegacia ou a outro locais que prestam socorro as vítimas, como centro de referência especializados, ou, inclusive, de acessar canais alternativos de denúncia, como telefone ou aplicativos. Por essa razão, especialistas consideram que a estatística se distancia da realidade vivenciada pela população feminina quando o assunto é violência doméstica, que, em condições normais, já é marcada pela subnotificação. (BOND, 2020).

Em relação à população de rua e as pessoas em vulnerabilidade social, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) Habitat, já em 2017, 1,6 bilhão de pessoas viviam em moradias inadequadas, das quais 1 bilhão vivia em favelas e assentamentos informais e hoje, em meio a pandemia do coronavírus, mais de 2 mil famílias foram despejadas de suas casas. Para a ONU (2020), os aconselhamentos sobre ficar em casa, praticar isolamento social, lavar as mãos regularmente e usar máscaras, enquanto simples “[...] medidas preventivas de saúde pública, são impossíveis de serem seguidas por pessoas em situação de rua ou que vivem em condições inseguras ou de alto adensamento, muitas vezes sem acesso à água e saneamento” (ONU, 2020, p. 1).

As questões de gênero também se apresentam no cotidiano da quarentena. Santos

(2020) se direciona às mulheres como cuidadoras do mundo ao relacionar que elas dominam os afazeres dentro e fora de suas famílias. É importante ressaltar que, neste momento, com a entrada do trabalho externo em casa – *home office* –, a jornada em dobro das mulheres – trabalhar fora de casa mais os cuidados com a casa e família – se misturaram. Segundo a última PNAD feita pelo IBGE, as mulheres dedicavam, em 2019, 21,4 horas semanais aos afazeres domésticos e ao cuidado de pessoas, enquanto os homens dedicavam 11 horas. Nesse cenário, a jornada do trabalho doméstico da mulher é 10h e 24min superior à do homem por semana.

Em relação a isso, Santos (2020) aponta que as mulheres prevalecem na enfermagem, por exemplo, que está na linha da frente dos cuidados a doentes e idosos. Assim, as mulheres “não se podem defender com uma quarentena para poderem garantir a quarentena de outros. São elas também que continuam a ter a seu cargo, exclusiva ou maioritariamente, o cuidado das famílias” (SANTOS, 2020, p. 16-17), o que nos lembra que a primeira pessoa a ir a óbito pela covid-19 no Rio de Janeiro foi uma mulher, empregada doméstica, de 63 anos.

Parece que durante a pandemia certos fatores da realidade se tornam mais visíveis “[...] praticamente na mesma proporção em que as situações também ficam mais críticas, caracterizando-se, assim, uma crise que impõe certas medidas de mudança” (MEDINA, 2018, p. 24). Assim, as sinuosidades e instabilidades desse terreno pandêmico sobre o qual caminhamos nos inquietaram e, dedicando atenção a esse caminhar, observando o quanto os acontecimentos que nos cercam em nossos cotidianos nos provocam a criar, investigar e praticar uma educação estesiada (DUARTE Jr., 2000), o HABITAR-SE foi ganhando corpo.

No meio do caminho sentimos o HABITAR-SE¹²

Experimentando a pandemia, nos interessamos por aquilo que nos inquieta e sentimos em nossos corpos que a angústia causada pelo afastamento físico nos mobiliza. Esse atravessamento nos convoca à responsabilidade de afirmar a importância das sensibilidades na vida humana e, principalmente, na educação. Enquanto pesquisadoras de uma instituição pública de ensino, enxergamos a ação de observar as tensões desse terreno como um compromisso com a sociedade, já que consideramos que a pesquisa não acontece afastada da vida cotidiana. Assim, nossa prática acontece por meio do elo entre o que desenvolvemos na universidade e o que acontece para além dela: conosco no/com o mundo. Esse contexto de crise nos apresenta que o desejável agora é estabelecer diálogos, construir e manter vínculos seguros e adubar, ainda mais, em nossas ações, o terreno da pesquisa sob o qual nos colocamos: a educação estética.

Tratando do processo que proporciona a quem está nele uma relação com seu corpo, sensibilidades e ações no mundo, a educação estética evoca a experiência, a prática – aquilo que tocamos com as próprias mãos –, acreditando que é por meio do sentir, do estar incorporado a si e ao entorno, que se torna possível saber.

A educação da sensibilidade necessariamente pressupõe uma educação sensível, isto é, um esforço educacional que carregue em si mesmo, em termos de métodos e parâmetros, aquela sensibilidade necessária para que a dimensão sensível dos educandos seja despertada e desenvolvida. A educação precisa ser suficientemente sensível para perceber os apelos que partem daqueles a ela submetidos, mais preci-

samente de seus corpos, com suas expressões de alegria e desejo, de dor e tristeza, de prazer e desconforto. (DUARTE JR., 2000, p. 212).

Dessa maneira, a estética desta educação, concordando também com Oswald (2011), não tem a ver necessariamente com o belo, os formatos, a perfeição, com a observação de uma obra de arte, mas sim com o que emociona, faz doer, com o que convida à dança e o que nos faz trocar de lugar, nos reconhecermos como inacabados. Aqui, “experimentar algo esteticamente supõe impregnar-se do mundo físico e social pelos sentidos” (OSWALD, 2011, p. 25), se relacionar com o que acende a vontade de ir, o que não tem fórmula pronta, o que se envolve no não saber e na espera, no decantar, para saber algo próprio.

Ao lançarmos nossos olhares sobre o tempo em que estamos inseridas, enxergamos que ele “[...] é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida” (KRENAK, 2019, p.13), mas que mesmo que essa produção de afastamentos constantes insista em nos mover para longe uns dos outros, existem “[...] pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover” (KRENAK, 2019, p.13) e que estão dispostas a contrapor o isolamento social com presença – mesmo que virtual –, a acolher as mortes, os choros, as incertezas e os medos que nos cercam com uma grande rede, que é costurada diariamente, com linhas de afeto, nós de escuta atenta e mãos humanas vinculadas.

Neste momento, percebemos que muitas dessas constelações de gente vêm investindo energia em ações voluntárias para a manutenção da vida de pessoas que se encontram em vulnerabilidade social e a todas e todos que se encontram acometidas(os) por questões emocionais diante do afastamento e isolamento social. O The Intercept_ Brasil (2020) organizou uma lista com os nomes dos principais coleti-

¹² Esse subtítulo foi inspirado pelo poema *No meio do Caminho* de Carlos Drummond Andrade.

vos que estão realizando essas ações, dentre eles, podemos destacar a Campanha de combate à crise do coronavírus – Favela Vertical que se mobilizou para atender à comunidade do Gardênia Azul, no Rio de Janeiro, com cestas básicas, itens de higiene e limpeza, promover cursos e oficinas para diminuir o impacto da pandemia. As redes virtuais também se tornaram um espaço para doações, florescendo perfis, como o Banco Comunitário Preventório que, além de estar ativo no fornecimento de cestas básicas e cuidados à comunidade do Morro do Preventório e outras, vem movimentando a internet com conversas fundamentais como, por exemplo, “Demandas da Pandemia na saúde mental”¹³.

Nesse cenário de mobilização diante dos desafios que se apresentam, escolhemos, durante a quarentena, a partir do mês de maio, propor o HABITAR-SE. Trata-se de um projeto de pesquisa, ensino e extensão, que objetiva, a partir de experiências com práticas corporais diversas, a manutenção do contato, do cuidado e da escuta dos desafios que cada participante vem enfrentando com a pandemia. Percebemos com ele a oportunidade de pesquisar e buscar sensivelmente maneiras outras de sentir o calor da crise como uma faísca que nos acende à reflexão sobre nossa própria maneira de sermos educadoras, pesquisadoras e, a todo momento, experimentadoras da escola da vida.

Percebemos que sua gestação e nascimento estão intrinsicamente relacionadas com os acontecimentos experimentados por nós durante os primeiros meses da pandemia da covid-19, ocasionando desejos e necessidades maiores de estarmos juntas de nossos pares – demais integrantes de nossos Grupo de Pesquisa, discentes do componente curricular de “Corpo e Movimento” e docentes da Educação

Básica que acompanham nossas ações. O projeto tem possibilitado momentos de autocuidado durante o período de afastamento e isolamento social por meio de encontros semanais que acontecem numa plataforma de encontros síncronos, às quintas-feiras, às 18h30, com duração de 1 hora. Inicialmente, convidávamos para esses encontros as(os) estudantes do componente curricular obrigatório “Corpo e Movimento” do curso de Pedagogia, a equipe de monitoras das respectivas turmas e as demais integrantes do grupo de pesquisa da universidade a que somos ligadas.

Porém, com o passar das semanas, o HABITAR-SE nos mostrou sua vocação de extensão, trazendo com cada convidado – responsável por propor a prática corporal do dia – participantes de seus vínculos pessoais: de outras universidades, cidades e estados. Assim, em equipe, observamos a necessidade de economizar pelos meios digitais o convite de juntar gentes e começamos a divulgar o projeto para além dos *e-mails* das(os) estudantes de “Corpo e Movimento”. Passamos, assim, a habitar com nossas chamadas a página digital do Instagram nos espaços ligados a nossos projetos.

Baseadas nos princípios da educação estética e acreditando “[...] que a verdadeira democracia se consubstancia fundamentalmente nas relações entre as pessoas” (MEDINA, 2018, p. 26), nos propomos, por meio de uma plataforma *on-line*, a viver diferentes experiências corporais, interagindo com nossos corpos e sensibilidades, a fim de mantermos a fruição de nossas vidas neste momento em que permanecer respirando é um ato político.

Envolvidas, então, com o percurso educativo que considera o sensível e o que se apresenta nos contextos de nossas vidas não podemos deixar de colocar nossa atenção naquilo que se faz urgente. Assim, esta pesquisa vem sendo acompanhada de movimentações intensas – dentro e fora de nós.

¹³ Essa conversa aconteceu ao vivo, no dia 20 de julho de 2020, no perfil do Facebook do Banco Comunitário Preventório.

Nesse período de quarentena, dentre tantas vidas esvaziadas pelo coronavírus, três vidas negras foram retiradas da Terra. Três vidas que, infelizmente, o mundo inteiro contou junto, mas que sabemos que outras tantas se perdem, diariamente. Pedimos aqui licença para demarcar a importância de homenagear, com palavras encharcadas de pesar e respeito, essas pessoas que representam tantas outras que, agora, não estão mais aqui.

No dia 18 de maio de 2020, presenciamos em nossos corpos a bala que atravessou o corpo do João, que inaugurou com grande rapidez o sumiço do menino de sua casa, que o enfiou em um helicóptero e organizou todo o desfecho para que o racismo e o abuso de poder se manifestassem, gelando o corpo do moleque de 14 anos, preto e favelado no Instituto Médico Legal (IML) do Tribobó. Uma semana depois, 25 de maio de 2020, George Floyd, morreu, deitado em decúbito ventral na rua, com o joelho de um “homem da lei” em seu pescoço, durante oito minutos e quarenta e seis segundos, enquanto gritava: “- Não consigo respirar, não consigo respirar!”. Negro e norte-americano, levantou no mundo, ao estar deitado no chão, toda a força contra o racismo e a violência policial. Na semana seguinte, 2 de junho de 2020, Miguel Otávio, filho de Mirtes Santana, empregada doméstica que não foi liberada de suas funções mesmo durante a pandemia da covid-19, é encontrado morto após cair do 9º andar de um prédio de luxo no centro de Recife. Enquanto a mãe passeava com o cachorro dos patrões, Miguel ficou aos cuidados da patroa, Sari Corte Real, que tinha outra mulher, mais uma trabalhadora fora de sua casa em meio à pandemia, fazendo suas unhas, mas, ao invés de ser cuidado, o menino teve aos cinco anos de idade toda sua vida esvaziada. A posição da patroa, esposa do prefeito da cidade, trocou a queda de 35 metros de altura por 20 mil reais.

Em respeito a tantas trajetórias interrompidas, sentimos a indignação junto com os que ficam. Enquanto ativistas de uma pesquisa que se faz nos contextos e nas tensões do campo, escolhemos acreditar na vida e nutrir em nós a afirmação de que “quem decide em favor da vida tem de ‘mergulhar’ nela em sua totalidade” (MEDINA, 2018, p. 32). Continuamos, assim, essa pesquisa que está em profundo mergulho, se molhando por inteira nos atravessamentos do dia a dia dessa pandemia e na esperança no ser humano, que

[...] só pode *crescer* – isto é, ser cada vez mais – pelo aumento gradual e contínuo da percepção de si em relação a si mesmo, em relação aos outros, em relação ao mundo. Como ser incompleto e inacabado que é, sua vida deveria constituir-se em uma constante busca por concretizar sua potencialidade e, dessa maneira, *humanizar-se* a todo momento. Esse deveria ser o papel de todo o processo de construção dos seres humanos, quer seja por meio da educação formal, informal ou pessoal (autoeducação). (MEDINA, João Paulo S., 2018, p. 28, grifos do autor).

É nessa perspectiva de relações que o HABITAR-SE vem se movimentando e se fortalecendo enquanto um espaço-tempo propício à escuta das questões, dores e sensações que perpassam nossos corpos nesse cotidiano pandêmico. Dessa maneira, a cada encontro vamos mergulhando na prática do HABITAR-SE e sentimos que a principal possibilidade de sabermos sobre ela é nos mantermos inteiras, experimentando aquilo que nos é apresentado a cada vivência.

A experiência sensível de praticar o HABITAR-SE

Ao nos colocarmos disponíveis a vivermos o HABITAR-SE, somos convocadas(os) em cada encontro a perceber o quanto as dinâmicas em que estamos inseridas(os) se expressam em

nossos corpos, nas maneiras como as emoções e os pensamentos se somatizam em nossos tecidos e o quanto essas manifestações simbólicas se fazem presentes no mundo por meio de nossos movimentos. Assim, o corpo é elemento central do HABITAR-SE e também um dos eixos sobre o qual nos debruçamos em nosso grupo de pesquisa. Dialogando com Foucault (2009), sentimos que é por meio do corpo que o ser humano percebe a própria existência e o que mais lhe envolve. Assim, o corpo

[...] está, de fato, *sempre* em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois, é em torno dele que as coisas estão dispostas, e em relação a ele – e em relação a ele como em relação a um soberano- que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. (FOUCAULT, 2009, p. 14, grifo do autor).

Por meio desse corpo é que convidamos a habitar-nos. Ao formarmos um corpo coletivo nos propomos, junto dessa multiplicidade de corpos, a estarmos vinculados uns aos outros e a reconhecermos que “[...] temos um corpo, que este corpo tem uma forma, que esta forma tem um contorno, que no contorno há uma espessura, um peso; em suma, que o corpo ocupa um lugar” (FOUCAULT, 2009, p. 15).

Dessa maneira, ao estarmos muito além do terceiro mês de pandemia e isolamento social, vamos sentindo dia a dia a dificuldade de nos colocarmos sozinhos, afastados dos nossos pares e descolados fisicamente de nossas presenças cotidianas. A cada amanhecer, vai se tornando indispensável regarmos nossas sementes de presença nas relações virtuais

que têm nos possibilitado os encontros, nesse momento, para que assim possamos manter nossos vínculos seguros, recheados de presença, cuidado e afeto. Diante disso, acreditamos que ao nos colocarmos presentes, movermos a partir de uma proposta preparada para aqueles instantes é um exercício de dizer sim a nós mesmos e, então, observamos em Nietzsche (1906), citado por Adorno (2003), que autocuidado, relação consigo e com o que está em volta e presença, se encontram.

Supondo que digamos sim a um único instante, com isso teríamos dito sim a toda a existência e não apenas a nós mesmos. Pois nada se basta a si mesmo, nem em nós mesmos, nem nas coisas: e se uma única vez nossa alma tremeu e vibrou de felicidade como uma lira, então toda a eternidade foi necessária para ocasionar esse acontecimento único - e toda a eternidade terá sido salva, justificada e afirmada nesse único instante de nosso dizer sim. (NITZSCHE apud ADORNO, 2003, p. 45).

Assim como o corpo, o cuidado também é força motriz do HABITAR-SE, apoiando-se na ideia de que o incentivo a ele, nesse momento de desafios – sociais, políticos e sanitários – fomenta em nós o direcionamento de afetos e solidariedade ao próximo. Foucault (2004) no apresenta que

[...] o cuidado de si implica também a relação com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si. (FOUCAULT, 2004, p. 5).

Estabelecendo o cuidado nesse convívio com o HABITAR-SE, percebemos, então, que ele se apresenta como uma maneira de se estar no mundo, uma atitude para consigo e o acerca de nós. O semear do cuidado de si, nos colocando presentes e sensíveis, vai fazendo brotar o conhecimento sobre nós mesmos e o

outro, florescendo uma relação que, na experiência diária, fomenta o cuidado em nós: individualmente e coletivamente.

Nessa esteira, observamos que ao cuidado de si, apresentado por Foucault, está integrada uma qualidade de atenção, de trazer o olhar que antes se dedicava ao exterior para si mesmo, transbordando uma maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento (GOMES, FERRERI e LEMOS, 2018, p. 191). Colocar-se atento, de corpo inteiro, ao que se passa dentro de si e no entorno, para nós, caracteriza um estado de presença.

Presença em meio ao afastamento se apresenta a cada HABITAR-SE como nossa pesquisa do momento. Enquanto grupo que se dedica à educação pelo sensível, acreditamos em práticas que possibilitem à experiência, o contato e encontro com as sensibilidades, e agora, diante do afastamento social, a presença como um estado de atenção interessada ao momento, ao outro, a nós e nossas ações têm batido, de maneira mais intensa, a porta da nossa casa-corpo¹⁴.

A dialogarmos com Desikachar (2018), regamos a semente do cuidado com as águas da presença que traz em si uma qualidade de existir, de estar além do físico para se envolver integralmente – corpo, mente e sentidos – com aquilo que se mostra a nós: uma conversa pelo telefone, um olhar que escapa à máscara, uma pessoa do outro lado da tela, um texto ou um objeto qualquer. Essa prática também encontra com Duarte Jr. (2000), ao considerar que estarmos presentes, sensíveis e atentos

[...] a cada objeto ou acontecimento, e não somente apreendê-los no modo genérico do conceito ou das leis científicas, revela-se tanto uma exaltação deles enquanto partes ‘vivas’ de nosso universo, quanto uma educação de nossa sensibilidade, um desenvolvimento de nossos

sentidos e desse sentimento de que fazemos parte de um mundo significativo, com o qual estamos em simbiose. (DUARTE JR., 2000, p. 198).

Assim, praticando o HABITAR-SE, estamos aprendendo como nutrir a presença que transborda o físico e se estabelece em relação, como vínculo. Cada quinta-feira nos incorporamos enquanto moradores presentes nas propostas e atentas às nossas questões e às do grupo, e não mais prisioneiras do afastamento habitual do momento e de outros hábitos que não queremos nutrir. Então, “[...] não precisamos fazer algo hoje só porque fizemos ontem. Em vez disso, podemos examinar nossas ações de forma nova e, assim, evitar a repetição inconsciente” (DESIKACHAR, 2018, p.44).

Por meio do movimento do corpo, das sensibilidades, no interesse pelo outro e pela prática da presença, vamos tecendo novos vínculos seguros e mantendo os que já existiam. Percebemos que alguns participantes frequentam o HABITAR-SE desde o primeiro encontro, e que, se por algum motivo não conseguem entrar na sala virtual, logo mandam mensagens e se inquietam pela ausência daquela presença. Como aconteceu com a Carol – Ana Carolina –, professora de Educação Infantil, que ao não conseguir participar da aula do dia 4 de junho, nos mandou mensagem narrando o que havia ocorrido.

Nos sentimos confortáveis em elucidar nossa prática de relação afetiva relembrando o que é indispensável para a construção e manutenção de um vínculo seguro. Ao abordar o tema “A escuta de si: a docência e a ética do cuidado em tempos de pandemia”¹⁵. Stock (2020) cita Daniel Siegel em sua afirmação de que, para que haja vínculo seguro precisamos de três “Sss”: Se Sentir Sentido. A dinâmica de estar vinculado à outra pessoa convoca que eu perceba o estado emocional dela e ela esteja

14 Inspiradas em Castilho e Vianna (2002), partilhamos a ideia de que o corpo é a nossa primeira casa, muito antes de morarmos em qualquer outro lugar.

15 O tema foi abordado durante uma live no dia 4 de julho de 2020..

interessada em perceber o meu estado emocional. Nós, sujeitos em relação, vinculados, nos dedicamos à manutenção de nos sentir sentidos, de vislumbrar que o outro se interessa por mim assim como eu me interesso por ele. Dessa maneira, torna-se possível, através da troca de afeto, observar qual a necessidade que o outro apresenta e ele, por sua vez, sente qual é a minha necessidade. Então, o exercício de perceber que a pessoa com quem me relaciono presta atenção em mim, faz com que eu, enquanto sujeito, sintam-me a salvo, seguro. A presença do outro nos preenche de confiança e nos faz sentir sossegados em meio ao vendaval que possa surgir.

Em 4 de julho, antes de sermos mobilizadas pelo diálogo com Stock e Fochi (2020), trouxemos para o encontro do HABITAR-SE o par respiração e movimento para a prática.

Ao chegarmos aos 90 dias de isolamento social e afastamentos físicos com HABITAR-SE, sentimos que a dedicação em nos colocar na direção de um objetivo que se renova a cada dia, que está em transformação, nos possibilita manter aquilo que almejávamos. Acreditamos, assim, que cabe mais uma vez o refrescar de nosso objetivo no seu coração de leitor ou leitora e em nossos corações de experimentadoras. Conforme trouxéssemos inicialmente, nós nos propusemos a insistir em frestas na pandemia: continuar, diariamente, esperando numa educação que se faz na relação consigo, com o outro e com mundo, que se baseia nas sensibilidades como ferramentas ao diálogo, na troca afetiva, em detrimento de um adoecimento físico, mental e emocional.

Junto desse elemento colocado como força motriz de nossa prática docente e como linha que costura nossos movimentos no mundo, renovamos nosso objetivo para que ele siga se mantendo e tecendo relações que se façam presentes e escutadoras em meio a essa pandemia que vivemos.

Sentimos que nossa empreitada não nos convida a conclusões, mas sim nos alerta sobre a necessidade de deixarmos em aberto. O tempo em que vivemos nos pede inconclusões, pesquisas estimuladas por medidas milimetricamente não previstas que nos permitem balancear, dar à meia volta ou volta e meia dar, como canta a ciranda¹⁶. Nos pede observar um dia de cada vez e esparrama sobre nós que o que é agora pode não ser daqui a cinco minutos, que esta é uma experimentação continuada que está se transformando.

Seguimos nossas movimentações pesquisadoras, necessárias – mais do que nunca – e imprecisas – não previsíveis – como ato político e constante de se sentir sossegado pelo outro e ser, quem sabe, vínculo afetivo para outros que queiram estar conosco. Continuamos a insistir na manutenção do HABITAR-SE enquanto um grupo-rede, para o nosso suporte e para aqueles que vêm se habitar em coletivo. Permanecemos, ao ultrapassarmos os 120 dias de quarentena, abrindo frestas nos muros de afastamento dessa pandemia: formações-passagens que transpassam as paredes de concreto da universidade, que permeiam os contextos e tem nas tensões do campo da vida o resignificar, cotidiano, da docência e da humanidade por meio das sensibilidades que nos fazem morar no nosso próprio corpo. Corpo, este, que é casa das ações com que adubamos, com presença e cuidado, o terreno do mundo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Oliveira. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

BARROS, Manoel de. **Menino do Mato**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BERTHERAT, Thérèse. **O seu corpo, a casa onde**

¹⁶ Ciranda de Tarituba.

você não mora. Disponível em <<http://www.carolinapapini.com.br/website/index.php/leituras/2-o-seu-corpo-essa-casa-onde-voce-nao-mora-therese-bertherat>>. Acesso em: 28 de julho de 2020.

BOND, Letícia. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante a pandemia. **Agência Brasil.** Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

BRASIL. **Artigo 196 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/art_196_.asp>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BRASIL. **Artigo 207 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/art_207_.asp#:~:text=Art.,entre%20ensino%2C%20pesquisa%20e%20extens%C3%A3o.>. Acesso em: 23 jun. 2020.

BRASIL. Presidente (2019-2022: Jair Bolsonaro). Pronunciamento do presidente da república, Jair Bolsonaro (24/03/2020). **Canal do Planalto no YouTube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VL_DYb-XaAE>. Acesso em: 21 jul. 2020.

CASTILHO, Jacyan; VIANNA Angel. **Percebendo o corpo.** O corpo que fala dentro e fora da Escola. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

COSTA, Camilla. Caso Miguel: morte de menino no Recife mostra 'como supremacia branca funciona no Brasil', diz historiadora. **BBC.** Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52932110>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

DESIKACHAR, Tirumalai KrishnamacharyaVenkata. **O Coração do Yoga.** 2º edição. São Paulo: Mantra, 2018.

DICIO. **Insistir.** Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/insistir/>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

DICIO. **Frestas.** Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/frestas/>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

DICIO. **Pandemia.** Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pandemia/>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FIOCRUZ. **Nota técnica sobre a importância das medidas de distanciamento social no contexto atual da COVID-19 no Rio de Janeiro.** Disponível em <https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u91/nota_tecnica_sobre_criterios_e_medidas_de_distanciamento_social_covid-19_28_05_2020.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade.** Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FOCHI, Paulo; STOCK, Bianca. A escuta de si: a docência e a ética do cuidado em tempos de pandemia. **Canal do Humanidades Unisinos no YouTube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=62WiH7KB8Os&t=313s>. Acesso em: 29 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** 24º ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

G1. **O que se sabe sobre a morte a tiros de João Pedro no Salgueiro, RJ.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-a-tiros-de-joao-pedro-no-salgueiro-rj.ghtml>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

GOMES Marcel.; FERRERI Marcelo.; LEMOS Flávia. O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. **Revista de Psicologia**, v.30, n.2, p.189-195, maio/ago. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf>

[fractal/v30n2/1984-0292-fractal-30-02-189.pdf](#)>. Acesso em: 29 abr. 2020.

IBGE. **O que é.** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD COVID19. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/27947-divulgacao-mensal-pnad-covid2.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

IBGE. **Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Schawarzc S.A, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Schawarzc S.A, 2020.

KRENAK, Ailton. “O modo de funcionamento da humanidade entrou em crise”, opina Ailton Krenak. **Jornal Estado de Minas.** Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/04/03/interna_pensar,1135082/funcionamento-da-humanidade-entrou-em-crise-opina-ailton-krenak.shtml>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LAGO, Gustavo. Crivella vai manter shoppings, bares e restaurantes fechados. **CCN Brasil.** Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/06/07/crivella-vai-manter-shoppings-bares-e-restaurantes-fechados-no-rj>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação e Realidade** [online], Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), vol. 28, n. 2, p. 101-115, JUL/DEZ 2003. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25643/14981>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

LATOUR, Bruno. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise.** N-1 edições. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/008-1>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LÓPEZ, Maximiliano Velerio. O Corpo inaudito: para uma poética do discurso em educação. **Educação experiência estética** / Mailsa Carla Pinto Passos, Rita Marisa Ribes Pereira (organizadoras). Rio de Janeiro: Nau, 2011.

RIO PREFEITURA. **Prefeitura anuncia fase 4 da flexibilização: pontos turísticos voltam com regras, comércio de rua abre mais cedo aos sábados e estacionamento da orla será liberado.** Disponível em: <<https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-anuncia-fase-4-da-flexibilizacao-pontos-turisticos-voltam-com-regras-comercio-de-rua-abre-mais-cedo-aos-sabados-e-estacionamento-da-orla-sera-liberado/>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

MEDINA, João Paulo S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”:** Novas contradições e desafios do século XXI. 26° ed. São Paulo: Papirus, 2013.

OLIVEIRA, Rodrigo. Demandas da Pandemia na saúde mental. **Perfil do Banco Comunitário Preventório no Facebook,** 2020. Disponível em: <<https://web.facebook.com/watch/?v=563646094307417>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

ONU. **Em dia mundial, ONU-Habitat defende políticas habitacionais e moradias acessíveis.** Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/em-dia-mundial-ONU-habitat-defende-politicas-habitacionais-e-moradias-acessiveis/>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

ONU. **Especialista da ONU pede fim dos despejos no Brasil durante a crise da COVID-19.** Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/especialista-da-ONU-pede-fim-dos-despejos-no-brasil-durante-a-crise-da-covid-19/>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

OSWALD, Maria Luiza. **Educação pela carne: estesia e processos de criação.** Educação experiência estética / Mailsa Carla Pinto Passos, Rita Marisa Ribes Pereira (organizadoras). Rio de Janeiro: Nau, 2011.

PESSOA, Fernando. **Navegar é preciso.** Disponível em: <<http://www.fpessoa.com.ar/poesias.asp?Poesia=036>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Edições Almedina, S.A, 2020.

TARITUBA, Cirandeiros. **Ciranda de Tarituba.** Dispo-

nível em: <http://zanzar.blogspot.com/2005/06/ciranda-de-tarituba_29.html>. Acesso em: 23 jun. 2020.

THE INTERCEPT_ BRASIL. **Ajude os mais vulneráveis na crise do coronavírus.** Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/04/09/coronavirus-brasil-apoio-covid-mascara/>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

VELOSO, Caetano. **A tua presença morena.** Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44771/>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

VELOSO, Caetano. **Dom de iludir.** Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44771/>>.

<[tps://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44719/](https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44719/)>. Acesso em: 24 jul. 2020.

WIKIPÉDIA. **Assassinato de George Floyd.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Assassinato_de_George_Floyd>. Acesso em: 23 de junho de 2020.

WIKIRIO. **Saara.** Disponível em <<https://www.wiki-rio.com.br/Saara>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

Recebido em: 30/06/2020

Revisado em: 25/04/2021

Aprovado em: 26/06/2021

Vitória da Silva Bemvenuto é mestranda em Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e bacharela em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integra o grupo de pesquisa Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos (Frestas). *E-mail:* bemvenutovitoria@gmail.com

Adriane Ogêda Guedes é doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora associada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). É pesquisadora dos grupos de pesquisa Círculo de estudo e pesquisa formação de professores, infância e arte (FIAR), Grupo de Pesquisa Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental (GiTaKa) e coordenadora/líder do grupo de pesquisa Formação e Ressignificação do Educador, Saberes, Troca, Arte e Sentidos (Frestas). Coordena o subprojeto de Pedagogia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-2018). *E-mail:* adriane.ogeda@gmail.com